

# O Mosteiro de Santa Maria da Flor da Rosa: Discussão de uma intervenção

por **Jorge Rodrigues**<sup>1</sup>  
Historiador da Arte



# O

Mosteiro de Santa Maria da Flor da Rosa, no concelho do Crato, não é apenas um dos mais importantes monumentos medievais portugueses. É também um local de grande significado histórico, uma vez que albergou a cabeça da Ordem do Hospital de S. João de Jerusalém, depois Ordem de Malta, a partir do século XIV, dando origem à fundação do Priorado do Crato que, no início do século XVI, seria o segundo maior benefício do Reino.

Fundado em meados do século XIV, foi-o por uma das muitas figuras de grande importância na história portuguesa ligadas ao Mosteiro. Trata-se de Álvaro Gonçalves Pereira, pai do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, e grande herói do Salado, onde lutou ao lado de Afonso IV, levando a preciosa relíquia do Santo Lenho, depositada na casa hospitalária de Vera Cruz de Marmelar, cuja influência milagrosa na vitória foi sobejamente realçada pelos cronistas.

A lenda, verosímil, pretende que o Condestável ali teria passado a juventude, dando origem à designação popular do conjunto, plena de orgulho local, de *Paços de Dom Nuno*,

facto que colhe maior credibilidade da própria configuração do conjunto.

O Mosteiro é, de facto, constituído por um Paço acastelado que teria 4 torres, uma das quais desapareceu para dar origem à entrada quinhentista do templo, ao lado das quais se ergue o alto e fortificado templo - sem fachada axial, verdadeira capela e, ao mesmo tempo, torre de menagem da edificação. Por trás desenvolvem-se as construções monásticas, numa primeira série medieval em torno do claustro que foi renovado no período manuelino, entre finais do século XV e início do XVI, pelo Prior D. Diogo de Almeida, que adicionou também uma série de outras dependências em torno das primeiras, fazendo-se sepultar na Igreja. O seu túmulo, bela peça manuelina que fazia par com o do fundador, foi infelizmente destruído pela ruína da cabeceira do templo em 1897, salvando-se milagrosamente o de D. Álvaro, agora de novo colocado na Igreja.

No início do segundo quartel do século XVI, e tendo em atenção a importância económica do Priorado, D. João III exerce o seu direito régio impondo a nomeação do Infante

<sup>1</sup> Jorge Rodrigues, é docente no Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Ultima, presentemente, os seus doutoramento a apresentar a esta instituição. É igualmente assessor do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian.

D. Luís, patrono das artes e verdadeiro *Príncipe do Renascimento*, como Prior, de que resultará uma tentativa de renovação do conjunto, com adaptação de uma sala quinhentista para albergar um Colégio de Teologia - no espírito da reforma das ordens religiosas inspirada pelo monarca e efectivada por Frei Brás de Barros - e adição de elementos de puro gosto clássico, inspirados nas obras de Évora, como é o caso das janelas maineladas das torres e do portal do templo, rigorosamente igual ao da Graça de Évora e provavelmente do mesmo arquitecto, Miguel de Arruda - que também terá trabalhado para o Infante na renovação do Palácio do Grão-Prior no Crato, de que resta essencialmente uma grande varanda monumental.

Depois dá-se um período de declínio, generalizado a todas as comendas e terras da Ordem, originando uma visita do arquitecto Pedro Nunes Tinoco em 1615, daí resultando um códice com 28 desenhos, em 1620, das vilas, castelos e mosteiros hospitalários do Priorado, dois dos quais dedicados às obras que haveria de fazer no Mosteiro da Flor da Rosa.

Tais obras não se fariam, caindo a cabeceira e parte do transepto do conjunto abandonado em 1897, na sequência de grandes temporais que assolaram a região. O restauro só se iniciaria nos anos 40 deste século, com graves incompreensões da especificidade construtiva do

conjunto substituindo, por exemplo, a cobertura em xisto a cutelo, com enchimento de materiais cerâmico e terra, com propriedades anti-sísmicas, por cantaria talhada,

colecção nacional de escultura, a par de uma exposição permanente sobre a Ordem do Hospital ou de Malta em Portugal, o Priorado do Crato e a interpretação artística do



mais pesada e estática, provocando algumas fissuras e as consequentes infiltrações e debilidade estrutural da edificação.

Recentemente o Mosteiro foi adaptado à função de Pousada, com os problemas e abusos de interpretação e intervenção que tal uso sempre acarreta. Na minha qualidade, na altura, de Técnico-Superior do IPPAR e consultor da Câmara Municipal do Crato, votei vencido contra esta utilização. Não porque o projecto do Arq. Carrilho da Graça fosse mau ou inadequado - muito pelo contrário, já que houve a tentativa de articular o edifício novo, de alguma forma "escondido", com o existente. Mas porque um conjunto com a singularidade e dignidade do Mosteiro da Flor da Rosa deveria ser preservado por si, sem necessidade de álibis de rentabilização ou outros. Alguém sonharia em fazer uma Pousada no Mosteiro dos Jerónimos? E alguém pensaria em fazê-la no Mosteiro da Flor da Rosa se este ficasse em Lisboa ou no Porto? A condição periférica da sua condição acabaria por ditar a sua sorte, ficando assim afastada a hipótese levantada por um grupo de historiadores da Arte e museólogos, entre os quais me encontrava, de albergar no conjunto monástico uma

próprio Mosteiro - sendo esta última uma necessidade que tarda em concretizar-se de forma adequada. A adaptação de uma edificação com as características da Flor da Rosa a Pousada é sempre redutora da sua fruição, cortando caminhos de circulação e de leitura artística, e introduzindo alterações definitivas, muitas das quais inadmissíveis - veja-se os casos, graves, do rasgamento de uma porta para o antigo Refeitório, actual bar da Pousada, ou a incompreensão da implantação do conjunto, em termos de cotas e hidrografia, que provoca constantes inundações no interior, por ignorar a necessidade de drenagem que se vinha fazendo desde o século XIV, conforme escavações arqueológicas comprovaram. ■

